



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
DECANATO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
INSTITUTO DE ARTES – IdA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

**A METODOLOGIA DE ENSINO DO TROMPETE NA EDUCAÇÃO NÃO
FORMAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Moisés Soares Lopes Cintra

Porto Nacional - TO
2018

MOISÉS SOARES LOPES CINTRA

**A METODOLOGIA DE ENSINO DO TROMPETE NA EDUCAÇÃO NÃO
FORMAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música a Distância – Universidade de Brasília UNB/UAB como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música. Orientadora: Susana Ester Kruger Dissenha.

Porto Nacional - TO
2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SM714m Soares Lopes Cintra, Moisés
A METODOLOGIA DE ENSINO DO TROMPETE NA EDUCAÇÃO NÃO
FORMAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA / Moisés Soares
Lopes Cintra; orientador Susana Ester Kruger Dissenha. --
Brasília, 2018.
41 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Música) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. A METODOLOGIA DE ENSINO DO TROMPETE NA EDUCAÇÃO NÃO
FORMAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA. I. Ester Kruger
Dissenha, Susana, orient. II. Título.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Moises Soares Lopes Cintra

“A metodologia de ensino do trompete na educação não formal: revisão sistemática da literatura”.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música sob a orientação da Professora Susana Ester Kruger Dissenha, segundo o Ato 27/2018 do dia 15 de Junho de 2018, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 30 de Junho de 2018.

Edgar Marques

Susana Ester Kruger Dissenha

DEDICATÓRIA

À minha querida esposa, Dayane Cintra, por me apoiar e incentivar durante todas as dificuldades dessa caminhada. E ao meu querido filho Samuel Cintra que me agradeceu com sua chegada ao mundo um dia antes de iniciar essa jornada e esteve ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me concedido o desejo de estudar música desde criança e por ter me dado sabedoria e persistência para continuar mesmo em meio as lutas.

Aos meus pais, por ter me criado, ensinado, e me incentivado a buscar os meus objetivos.

A todos os maestros e professores que passaram pela minha vida, desde o maestro Zezinaldo da banda municipal em Lizarda - TO, os maestros Andrade, Eduardo e Izaias da Guarda Metropolitana de Palmas - TO, o maestro Magno da Banda Harmonia Angelical, o maestro e amigo Bruno Barreto da Orquestra Viva Música. E a todos os demais colegas de bancada e professores que passaram por minha vida musical.

A Profa. Susana Ester Kruger Dissenha, orientadora deste trabalho, que de uma forma brilhante me guiou durante todo o processo de construção desse trabalho.

A Profa. Maria Elena, tutora presencial do polo de Porto Nacional, por me auxiliar em todas as dificuldades e incentivar nos momentos difíceis.

A todos os meus colegas de curso, principalmente ao “trio parada dura”, formado por mim, o colega Wilton Monteiro e o saudoso Milton Caetano (in memoriam), por nos ajudar mutuamente, fortalecendo os laços de companheirismo e amizade.

Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Esse estudo buscou investigar como as pesquisas brasileiras têm adereçado as metodologias de ensino do trompete utilizadas na educação não formal. Como desdobramento, tomei como objetivos específicos apontar quais tem sido os métodos (literatura) utilizados, o porquê da escolha, e investigar qual rotina de estudo é ensinada aos alunos. No referencial teórico da pesquisa elenquei alguns autores que descrevem sobre metodologias do ensino do trompete e educação não formal. Adotei como metodologia de pesquisa a revisão sistemática de literatura, cujo rigor de seleção das obras estudadas e o registro de todos os passos permitem confirmar sua validade e/ou a continuidade do estudo. Por meio dela, foi possível analisar 17 (dezesete) trabalhos sobre o tema. A análise e discussão indicaram a utilização de duas metodologias de ensino do trompete adotadas na educação não formal, bem como diversos métodos e rotinas de estudo. Espera-se que esse estudo contribua para uma reflexão sobre as metodologias de ensino nesse contexto, bem como sobre os métodos e a rotina de estudos que é ensinada aos estudantes de trompete.

Palavras-chave: trompete; metodologia de ensino; métodos; rotina de estudos; revisão de literatura.

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	REFERENCIAL TEÓRICO	5
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	11
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	17
	4.1 Metodologias de ensino do trompete.....	21
	4.2 Métodos adotados no ensino não formal de trompete.....	26
	4.3 O motivo da escolha dos métodos.....	30
	4.4 Rotina de estudo.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6	REFERENCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Costumeiramente nos deparamos com placas que oferecem aulas de música, de diversos instrumentos, em diversos locais, como escolas de ensino regular de nível técnico e superior. Aulas de trompete – o instrumento musical desta pesquisa –, também são ofertadas em espaços como, por exemplo, escolas de música, igrejas, associações culturais, centros comunitários, projetos sociais, aulas particulares, ou seja, em diversos ambientes educativos não formais. Mas, o que vem a ser ensino formal, não formal, ou informal? Para Arroyo (2000, p.79) na verdade “estamos à procura de denominações mais precisas que deem conta de contemplar toda essa diversidade” de ambientes de ensino e aprendizagem.

Conforme Libâneo (2004, p.86-87), a *educação (ou aprendizagem) informal* é caracterizada por não ser intencional. Ela ocorre no dia a dia por influência do meio natural e social, através da disseminação de costumes, hábitos, práticas sociais e culturais, religiões entre outros. A educação intencional se divide em duas: a formal e a não formal. A *educação formal* ocorre nas diversas instâncias da educação escolar, com objetivos educacionais claros, sistematizada e organizada, sendo submetida à regulamentação oficial dos poderes públicos. Enquanto isso, a *educação não formal* - o foco do nosso estudo - ocorre fora da escola. Ela também é estruturada, organizada, planejada intencionalmente e é sistemática, mas não sofre influência direta em sua regulação e avaliação como a educação formal.

Como exemplo deste contexto de educação não formal, observamos a pesquisa de Dourado (2017, p. 31) sobre o processo de aprendizagem de trompete em uma igreja:

[...] os alunos tiveram apenas as primeiras etapas (tais como a produção de som, digitação do instrumento, etc.) acompanhadas por professores, já a continuidade da busca pelo aprofundamento do conhecimento se deu de forma mais autônoma. Nessa forma de aprender o aluno assume o papel mais ativo na busca dos seus próprios conhecimentos utilizando-se das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) como internet, aplicativo e softwares para uma melhor assimilação dos conteúdos a serem explorados.

Dois elementos transparecem na pesquisa deste autor: os métodos de

ensino (enquanto materiais didáticos e recursos) e os processos de ensino e de aprendizagem (as metodologias). No mundo cada vez mais globalizado em que vivemos, os métodos de ensino de trompete são repassados entre alunos e professores com uma rapidez impressionante. Hoje conseguimos facilmente adquirir, gratuitamente ou não, métodos impressos e digitais, CD's de vídeo aulas em livrarias físicas ou por meio da internet. Isto torna tudo mais acessível e aumenta a variedade de métodos de ensino de instrumento e de metodologias de ensino que podem ser adotados nos contextos não formais de educação musical, bem como nos demais. Resta saber quais são as metodologias e os métodos efetivamente adotados, e o foco das investigações sobre estes elementos.

Sendo assim, tomei como objetivo geral investigar como as pesquisas brasileiras têm adereçado este tema, em especial em relação às metodologias de ensino do trompete utilizadas na educação não formal. Como desdobramento, tomei como objetivos específicos, apontar quais tem sido os métodos (as literaturas, materiais didáticos) utilizadas, o porquê destas escolhas, e investigar qual rotina de estudo é ensinada aos alunos.

Interessei-me por esse tema porque iniciei meus estudos no trompete em uma instituição de ensino não formal. Posteriormente, tive contato com outros projetos de ensino do trompete e constatei uma diversidade de metodologias de ensino. Na escola de música da Guarda Metropolitana de Palmas, Tocantins, onde comecei a estudar o trompete, primeiro estudávamos só a teoria e depois o instrumento, sempre com foco no estudo das peças para as apresentações.

Quando comecei a lecionar aulas de música no Colégio Esportivo Militar do Corpo de Bombeiros, também ensinava primeiramente a teoria musical e o solfejo para posteriormente ensinar a tocar o trompete (pelo menos dois meses depois). Contudo, verifiquei que a evasão foi muito grande, em pouco tempo não restava quase nenhum aluno nas aulas teóricas. Esta evasão me levou a refletir sobre a minha prática, e lembrar como havia sido o contexto musical, social e tecnológico que eu vivi quando estudava trompete. Somado a isso, ressalto a influência da UnB na minha formação, pois diversas disciplinas trataram sobre metodologias de ensino de música, e me fizeram repensar a forma pela qual eu havia aprendido o trompete. Por isso, atualmente, ensino trompete junto com

teoria e solfejo. Os instrumentos são entregues a todos os alunos independentemente do nível teórico alcançado. Como resultado, em exatos dois meses, mesmo aqueles alunos que não haviam estudado previamente nenhuma teoria musical já estavam tocando e lendo as primeiras partituras.

Todas essas experiências – meu início no trompete, minhas aulas no Colégio e o curso de música da UnB, me instigaram a investigar como é ensinado o trompete nesse contexto não formal. Uma das possibilidades para esta investigação seria um levantamento sobre os resultados das pesquisas brasileiras sobre o tema. Em busca deste panorama, adotei como metodologia de pesquisa deste estudo a Revisão Sistemática de Literatura (RSL).

Contudo, é preciso antes caracterizar os procedimentos deste tipo de revisão e distingui-lo de um referencial teórico. Nisso concordo com Azevedo (2016, p. 5) que afirma que, por vezes, é possível notar confusões entre o Referencial Teórico e a Revisão de Literatura. Para a autora o Referencial Teórico

[...] geralmente constitui um ou mais capítulos de uma monografia e uma ou mais seções de um artigo teórico-empírico. Com ele o(s) autor(es) busca(m) demonstrar aos leitores como aquela pesquisa se encaixa no campo de estudo e quais escolhas teóricas foram feitas para subsidiá-la. (ibidem)

Portanto, o referencial teórico subsidia os objetivos da pesquisa e a análise de dados do trabalho, que são coletados por meio de diferentes metodologias de pesquisa. Dentre elas, encontra-se a revisão de literatura.

A revisão de literatura tem como objetivo fornecer uma visão geral das fontes sobre um determinado tópico e tem características de investigação científica, ou seja, ela deve ser sistemática e abrangente. Seu propósito é reunir e sistematizar estudos anteriores. Os métodos utilizados para sua construção devem ser explícitos – deve-se indicar detalhadamente os passos para recuperar, selecionar e avaliar os estudos relevantes já publicados sobre um determinado tema ou tópico. (AZEVEDO, 2016, p. 02)

Cabe reiterar que a revisão de literatura mais comum é a empreendida como um capítulo ou uma seção integrante de trabalhos científicos, como uma pesquisa prévia para conhecer quais outros trabalhos já foram concluídos a respeito do tema, e que podem ou não adotar o mesmo referencial teórico, e nem sempre apresenta muito rigor metodológico. Contudo, nesse trabalho utilizei

os princípios da Revisão Sistemática de Literatura enquanto foco metodológico da pesquisa, ou seja, todo o trabalho foi baseado nesse tipo de revisão. A RSL, de uma forma bem sintética, consiste em um estudo que busca verificar todos os trabalhos existentes sobre um tema, conforme critérios pré-estabelecidos para busca em determinadas bases de dados físicas ou virtuais. Os resultados são ponderados de uma forma crítica e analítica, assim como são registrados todos os passos e dados parciais para uma possível continuidade, confirmação ou replicação por outro pesquisador.

No Capítulo 2, apresentarei o Referencial teórico desta pesquisa, no qual me aprofundei nos pressupostos de alguns autores que descrevem sobre metodologias do ensino do trompete e educação não formal. No Capítulo 3, aprofundarei a descrição da metodologia de pesquisa – a RSL – e contextualizarei sua aplicação nesse trabalho. No Capítulo 4, apresentarei o processo de busca e análise dos dados que atendem a equação de pesquisa proposta no trabalho. No último Capítulo apontarei as conclusões deste estudo e algumas indicações para continuidade e aprofundamento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Diversas instituições de ensino não formal trabalham com o ensino do trompete. Muitas dessas instituições surgem em projetos sociais a partir da identificação de uma problemática. Segundo Gohn (2001, p.16-17),

[...] estas organizações [sociais privadas], situadas no âmbito não-governamental, reestruturam o velho modelo das associações voluntárias filantrópicas para um novo modelo onde combinam o trabalho voluntário com o trabalho assalariado, remunerando profissionais contratados segundo projetos específicos.

Segundo Libâneo (2000 p.63) “os processos educativos ocorrentes na sociedade são complexos e multifacetados”, por isso é preciso compreender que o ensino não formal é uma parte importante na formação de todos que tem acesso a ele. A educação não formal e a formal possuem objetivos muito parecidos, ambas buscam a formação integral do ser humano. Porém a educação não formal apresenta objetivos próprios, adequando-se ao espaço em que se realizam as práticas (GOHN, 2006, p.28).

Conforme destaca Gohn (2006, p.31), a educação formal possui diversas disciplinas e a educação não formal geralmente se foca em uma área específica de atuação. No entanto, podemos notar que muitas vezes neste contexto o ensino transcende os processos educacionais relacionados ao conteúdo da área de atuação.

[...] na educação não formal há o desenvolvimento de vários processos, dentre eles: “consciência e organização de grupo”, “construção e reconstrução de concepções”, “sentimento de identidade”, “formação para a vida”, “resgate do sentimento de valorização de si próprio”, “os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca”. (ibidem)

Estes “processos” paralelos, mais voltados aos aspectos humanos, sociais, coletivos, dentre outros mencionados pela autora são intencionais, o que é uma característica tanto do ensino formal quanto do não-formal. Assim, notamos claramente que eles se aproximam e até podemos dizer que se complementam. Segundo Libâneo (2000, p. 87-88):

A sociedade moderna tem uma necessidade inelutável de processos educacionais intencionais, implicando objetivos sociopolíticos explícitos, conteúdos, métodos, lugares e condições específicas de

educação, precisamente para possibilitar aos indivíduos a participação consciente, ativa, crítica na vida social global.

O ensino da música em geral e mais especificamente do trompete, está presente nesses espaços da educação não formal, pois “a prática pedagógico-musical encontra-se em vários lugares, ou seja, os espaços onde se aprende e ensina música são múltiplos” (SOUZA, 2007, p. 28).

É importante também compreender e definir os conceitos de metodologia de ensino e métodos adotados nesse trabalho. Por mais que pareçam semelhantes, existem diferenças - inclusive, por vezes, ocorre a inversão destes conceitos mesmo em trabalhos acadêmicos. Além disso, conhecer a **metodologia** de ensino adotada nos contextos não formais de ensino de instrumento também é de suma importância para identificar quais são os **métodos** (literaturas) adotados.

A metodologia, conforme descreve o dicionário online Significados (2014) é o “caminho ou a via para a realização de algo”. Ou seja, *metodologia de ensino* é todo o processo criado para se chegar a determinado ponto. No caso específico desse estudo, é a organização das estratégias pedagógicas para o processo de ensino/aprendizagem do trompete.

Por outro lado, o Dicionário Aurélio (sem data) apresenta sete significados para *método*. O que adotarei nesse estudo é “obra que contém disposta, numa ordem de progressão lógica, os principais elementos de uma ciência, de uma arte”. Portanto ao mencionar *método*, me referirei especificamente a obras literárias – livros, apostilas etc. –, de cunho didático, que contém exercícios técnicos para o desenvolvimento do trompete. Podem ser tanto específicos, como alguns que, por exemplo, trabalham exclusivamente notas longas, ou aqueles que trabalham diversos elementos, como digitação básica do instrumento, notas longas, flexibilidade, staccato, ligado e etc. Podemos notar uma variedade de métodos disponíveis no mercado, tanto de autores brasileiros como de outros países. Nesse estudo busquei identifica-los e fazer uma breve análise.

Segundo Andrade (2014, p.15), deveria “existir uma metodologia única para diferentes estilos musicais, sendo um equívoco da parte das escolas de música aplicar metodologias distintas aos alunos de ‘trompete popular’ e

‘trompete erudito’”. O mesmo raciocínio poderia ser conferido aos métodos didáticos. Contudo, é de conhecimento dos trompetistas, principalmente de nível intermediário ou profissional, que a forma como se executa as notas – basicamente a articulação e o fraseado – são diferentes no contexto popular e no erudito. Mas as técnicas básicas de execução, os fundamentos, devem ser iguais para os trompetistas de qualquer estilo musical. Por sua vez, estas técnicas básicas normalmente são “neutras”, podendo ser adaptadas a qualquer um destes estilos musicais.

Assim, os alunos podem e devem aprender tanto sobre a música “popular” quanto “erudita”, entender e estudar como se produz o som nos dois estilos musicais. Contudo, a partir de um determinado momento, é interessante o aluno focar em um deles, pois assim pode dedicar o seu tempo de estudo com metodologias e métodos que ajudem a desenvolver a técnica específica necessária para atingir a sonoridade e execução perfeitas. Como exemplo, cito Andrade (2014, p.44), que descreve a experiência de estar entre os estilos “popular” e “erudito” de Daniel D’Alcantara, uma das referências no trompete popular no Brasil:

Em São Paulo teve uma época que era muito definido quem era do erudito e quem era do popular. Então o pessoal do erudito dizia que quem era do popular não tinha técnica, não tinha som, [...] que só tocava na raça, aquelas coisa... O preconceito de um lado pro outro. E quem tocava erudito não tinha suingue [...] e eu caí de paraquedas [...] o pessoal do erudito falando que eu tinha som de popular e o pessoal do popular falando que eu tinha som de erudito. (risada) E eu falei: espera aí! Deixa eu definir logo. (ECV, 12’55”)

Esta fala demonstra a percepção da necessidade de “definição” de foco de estilo musical que é comumente adotada por trompetistas profissionais. Porém, ressalto que isso não os impede de transitarem (ocasionalmente) entre outros estilos, inclusive devido ao repertório em execução ou aos contextos de trabalho.

Após conhecer os métodos que são utilizados no espaço não formal de ensino, buscarei identificar o **porquê** das escolhas dos métodos adotados, os motivos que levam professores/alunos escolherem um método específico para utilizar no processo de ensino/aprendizagem do trompete. É interessante identificar, nas pesquisas analisadas, se os professores e/ou alunos escolhem

os métodos para melhorar uma técnica específica no instrumento, se escolhem apenas pelo baixo custo financeiro ou gratuidade no acesso, ou também pela adequação da quantidade de alunos para apenas um professor. Entender essa motivação, além de facilitar o entendimento do dia a dia de estudos na educação não formal ainda pode oferecer dados para a confecção de métodos que atendam os anseios de públicos específicos.

Por fim, sabemos que músicos de diversos instrumentos, atletas de diversas modalidades esportivas, sempre prezam por uma **rotina** nas suas práticas diárias, justamente para evitar lesões e aumentar o rendimento. Todo ser humano tem dias que está mais disposto (motivado) a realizar determinadas tarefas e dias que não apresenta esta mesma motivação. Porém, com uma rotina pronta, a tendência é que mesmo em dias que não estamos tão dispostos continuemos seguir o que foi preestabelecido.

A rotina de estudo, conforme Rocha (2016 p.03), deve desenvolver “os elementos/competências necessárias ao domínio e desenvolvimento do instrumento”. Ele ainda descreve que “estas competências são comumente designadas pelos trompetistas por ‘bases do instrumento’ nomeadamente respiração, sonoridade, flexibilidade labial, articulação, registro e digitação”. (ibidem). Para Felix (2016), em primeiro lugar, o estudante precisa “fazer a sua rotina de estudo virar uma rotina diária, ou seja, ter o estudo como parte do seu dia a dia, assim como comer, tomar banho, escovar os dentes, etc”. Segundo o autor, esse tempo deve ser sagrado, uma vez que o beneficiado será o próprio estudante.

Algo que precisa ficar muito claro para o trompetista, principalmente o estudante iniciante, é que ele precisa ter um tempo diário para estudar o seu instrumento. Obviamente esse tempo e o conteúdo de estudo não são os mesmos para iniciantes e trompetistas intermediários ou profissionais. É possível que o iniciante estabeleça uma rotina com pouco tempo de estudo, variando de 30 a 60 minutos, incluindo exercícios de respiração, exercícios de vibração labial (*buzzing*) e exercícios de notas longas com o instrumento, visando melhorar a qualidade sonora e precisão no ataque às notas. Esse tempo deve ser utilizado alternando estudo e descanso. De acordo a evolução, novos elementos devem ser inseridos, como exercícios de digitação, flexibilidade entre outros. Com isso,

normalmente, o tempo diário de estudos vai aumentando. Muitas vezes o tempo de estudo é ampliado e, um aluno sem orientação, pode esquecer intervalos para descanso, ou estudar um determinado elemento por muito tempo e outro que seria essencial por pouquíssimo tempo. Daí a importância do estudante construir essa rotina com um professor capacitado, ou que pelo menos tenha um método que o ajude a entender como deve ser organizada essa rotina.

O trompetista intermediário e o profissional, também devem possuir uma rotina de estudo. A diferença é que geralmente ela é um pouco mais extensa que o iniciante e com uma variedade de exercícios maior que a do iniciante. Mas muitos trompetistas nesse nível começam a adaptar a sua rotina de acordo o seu tempo e necessidade. Vejamos um modelo de rotina (que compreende também outros elementos) indicado por Felix (2016) para músicos de *jazz*:

- | | |
|--|---|
| 1. Buzzing (com referência) | 17. Arpejos |
| 2. Notas longas | 18. Stacatto simples |
| 3. Tocar com som bonito | 19. Stacatto duplo |
| 4. Afinação (com o afinador ligado) | 20. Stacatto triplo |
| 5. Bend | 21. Ouvir gravações como parte do estudo |
| 6. Estudar com metrônomo | 22. Música que você goste |
| 7. Flexibilidade | 23. Estude mentalmente |
| 8. Trillo de lábio | 24. Cante precisamente as melodias ou intervalos que está tocando |
| 9. Extremos nas dinâmicas | 25. Estudos |
| 10. Dinâmicas bem definidas | 26. Solos |
| 11. Extremos nos registros | 27. Transposição |
| 12. Ataques com sílabas fortes | 28. Jazz |
| 13. Ataques com sílabas suaves | 29. Improviso |
| 14. Estudos de técnica | 30. Leitura a primeira vista |
| 15. Estudos de Fluência | 31. Estudo em outros trompetes (Flugel, Trompete em Dó, Mib, Piccolo) |
| 16. Escalas, maiores, menores, cromáticas, de tons inteiros, modos | |

Mesmo com a adaptação de cada trompetista – inclusive em relação ao tipo de repertório –, normalmente são executados exercícios de aquecimento, geralmente utilizando *buzzing*, notas longas, depois um período de descanso. Após o descanso se pratica outros exercícios como escalas, flexibilidade, articulação, intervalos entre outros. Em seguida, mais um período de descanso e por último o estudo de repertório. Dependendo da quantidade de exercícios são adicionados outros períodos de descanso para evitar lesões e promover um estudo de qualidade – ou seja, que alcance os resultados esperados para aquele

dia.

Após conhecermos um pouco as ideias de autores que tratam do ensino não formal, das metodologias do ensino do trompete, as rotinas de estudos e com base nos meus objetivos, foi possível planejar a metodologia de pesquisa. A mesma será descrita no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

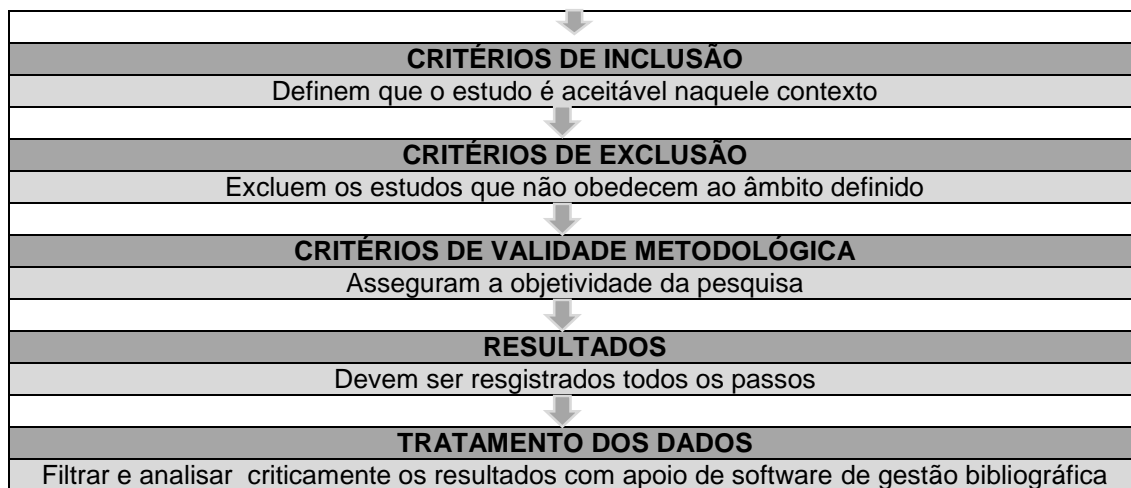
Segundo Fonseca (2002), para realizar um estudo ou uma pesquisa, precisamos organizar os caminhos que devem ser percorridos durante o estudo ou pesquisa. Ele chama o estudo dessa organização de metodologia. Além disso, a metodologia aponta a forma de investigação adotada pelo pesquisador. Neste estudo, adotei a revisão de literatura, que pode ser realizada de três formas: a revisão narrativa, a sistemática e a integrativa.

A revisão *narrativa* é a mais utilizada como parte de trabalhos científicos, pois nesse modelo, o pesquisador não precisa esgotar todas as fontes de pesquisa, todas essas definições da extensão de busca e dos critérios adotados são escolhidas pelo autor. Em outro extremo, a revisão *integrativa* “permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico” (USP, 2015, p.02).

Nesse trabalho adotei grande parte dos princípios da revisão que é intermediária à narrativa e a integrativa: a Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Ela objetiva uma análise crítica das pesquisas, reunindo e sintetizando os dados de diversos estudos anteriores. Todos os procedimentos são sistemáticos, explícitos e muito bem registrados visando “recuperar, selecionar e avaliar os resultados de estudos relevantes” (USP, 2015, p.02). O registro de todas as etapas de pesquisa é realizado tanto para que possam ser utilizadas por outros pesquisadores, quanto para aferir se todas foram cumpridas.

Em seu artigo, Ramos, Faria e Faria (2014) apresentam com detalhes as bases e os procedimentos da RSL. Eles apresentam um quadro com as etapas do estudo realizado, conforme pode ser visto adiante:

OBJETIVOS
Definir a problemática a estudar sintetizada numa questão ou problema
↓
EQUAÇÕES DE PESQUISA
Expressões ou palavras a combinar utilizando AND, OR, NOT (*,?)
↓
ÂMBITO DA PESQUISA
Bases a selecionar e variantes intrínsecas



Quadro 1 - Etapas do processo de revisão sistemática de literatura
 Fonte: Ramos, Faria e Faria (2014, p.24)

Acompanhando o quadro supracitado, defini que com o objetivo de investigar as metodologias do ensino de trompete na educação não formal, buscaria estudos brasileiros sobre esse tema. Definido o objetivo, elaborei a equação de pesquisa e inseri termos que poderiam facilitar a busca por materiais relacionados ao tema, tais como, metodologia, trompete entre outros. Outro elemento importante na etapa de definição dos parâmetros da pesquisa foi a decisão sobre as “combinações das palavras-chave, que podem ser feitas por meio da utilização dos operadores booleanos, que são *and*, *or* e *not* e existentes em diferentes bases de dados” (GOHR et al, 2013, p.09).

Sabendo o que pesquisar e quais termos utilizar, comecei a definir aonde pesquisar. Em princípio realizei apenas buscas diretas nos próprios sites das instituições, como o Repositório Institucional da UnB e revistas e anais da Associação Brasileira de Educação Musical, contudo percebi que a busca não era tão ampla e adicionei também a busca direta no Google.

Após isso, através dos critérios de inclusão, exclusão e critérios de validade metodológica, limitei os trabalhos a serem estudados, para que o foco ficasse bem definido e não se perdesse tempo com estudos fora do objetivo. Gohr et al (2013, p.11) ressaltam que os critérios de exclusão incidirão em

[...] uma redução na quantidade do material encontrado até que se defina a amostra que será utilizada na realização da pesquisa. [...] Na primeira etapa desta fase, há a verificação do aparecimento das palavras-chave, observando-se se estas aparecem no título, resumo e/ou palavras-chave do artigo. [...] pode-se, nessa etapa, utilizar-se das

palavras-chave de exclusão para realizar uma classificação mais criteriosa dos artigos. Ao tempo em que se fazem essas limitações, o período de tempo também deve ser delimitado.

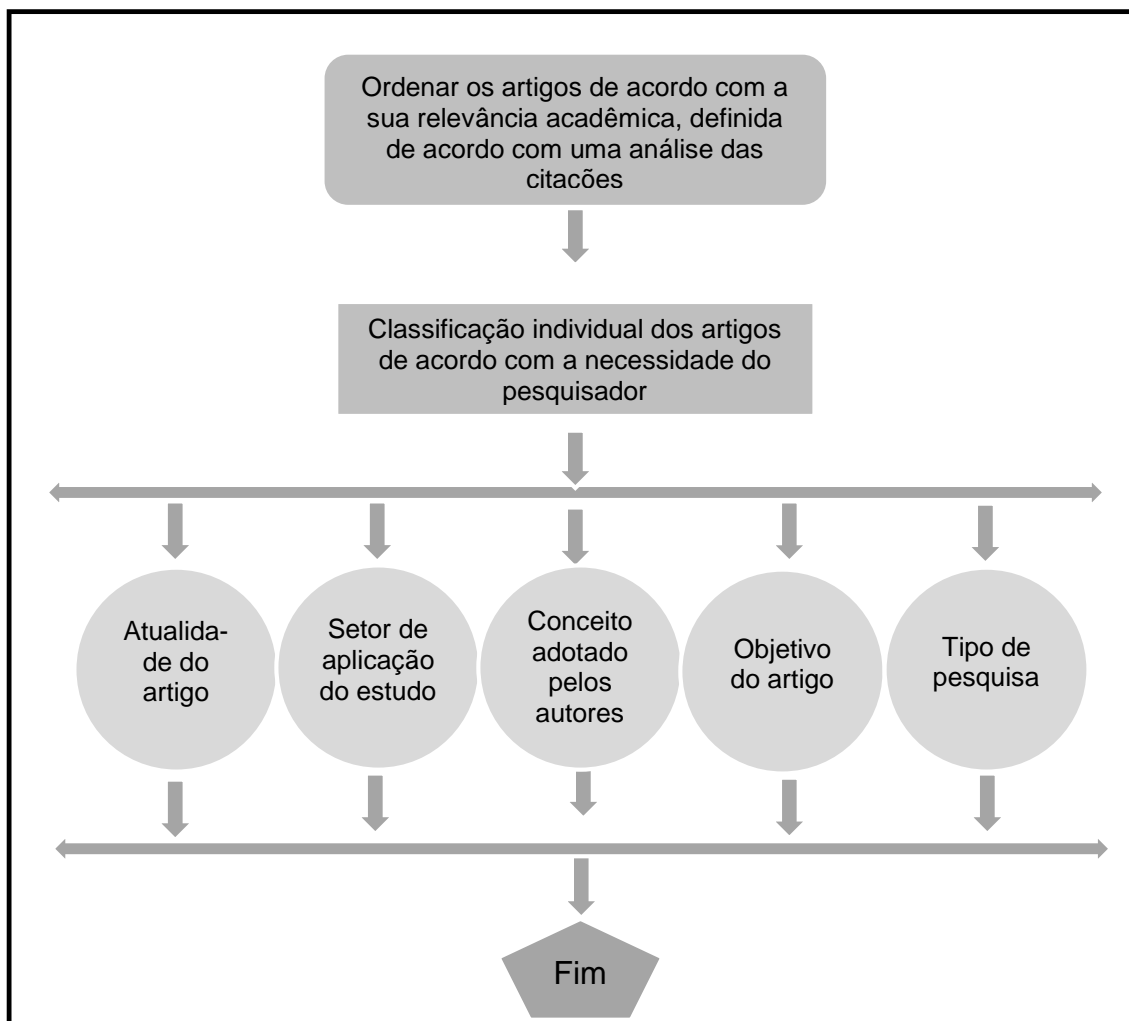
Para definir os estudos a serem incluídos no presente trabalho, limitei o período de no máximo 10 anos de publicação. Assim como na limitação de tempo, também fiz uma análise dos títulos, resumo e palavras-chaves para filtrar os materiais a serem estudados. Ao final defini as etapas do estudo. No Quadro 2 adiante, apresento estes critérios e procedimentos (coluna a esquerda) e seu detalhamento (coluna a direita):

ETAPAS DO PROCESSO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	
Objetivos	Detectar estudos que descrevam metodologias de ensino do trompete utilizadas na educação não formal
Equações de pesquisa	Metodologia, trompete, ensino, não formal, social, sociocultural, ONG, igreja, conservatório, instituto
Âmbito da pesquisa	Portal de Periódicos CAPES/MEC, Repositório Institucional da UnB, Scielo, Anais e Revistas da Associação Brasileira de Educação Musical e Google
Critérios de inclusão	Estudos publicados em algum dos portais acima descritos, dissertações, teses, TCCs ou artigos, pesquisas brasileiras
Critérios de exclusão	Estudos que não abordem especificamente a metodologia do ensino de trompete em espaços não formais
Critérios de validade metodológica	Verificação dos critérios de inclusão e exclusão
Resultados	Detalhamento da pesquisa, mantendo o registro de todas as etapas
Tratamento de dados	Descrição de todos os resultados de uma forma analítica e crítica, filtrando todos os estudos conforme os critérios pré-estabelecidos

Quadro 2 - Etapas do processo de revisão sistemática de literatura da pesquisa
Fonte: Adaptado de Ramos, Faria e Faria (2014)

Segundo Ollaik e Ziller (2012, p.231), na “pesquisa científica, a validade assume concepções mais complexas”. Sendo assim esta pesquisa se aproxima tanto da quantitativa quanto qualitativa. Registre todos os sites pesquisados, materiais encontrados, os critérios de inclusão e exclusão, pois, “para que uma pesquisa quantitativa seja considerada válida, outro pesquisador deve poder desenvolvê-la e chegar ao mesmo resultado” (ibid, p.232). Contudo, o presente estudo também é qualitativo, pois analisei minuciosamente todo material enquadrado nos critérios de inclusão, verificando todos os detalhes metodológicos descritos e citados na busca. Tais procedimentos foram adotados uma vez que “a pesquisa qualitativa busca descrever e compreender um fenômeno, e não explicá-lo ou fazer previsões” (ibidem).

Quanto aos procedimentos adotados, primeiro selecionei os trabalhos que apresentavam alguma relevância para o tema em estudo. Depois comecei classifica-los conforme sua atualidade e verificar se o estudo se aplica ao nosso trabalho. Verifiquei os conceitos adotados pelos autores, os objetivos deles e separei-os por tipo, se eram artigos, TCC, Dissertação ou Tese. Depois dessa análise prévia foi que comecei a estudar os artigos individualmente. A seguir apresento esta sequência de procedimentos em um fluxograma:



Fonte: fluxograma de análise de dados, adaptado de Gohr et al (2013, p.14)

Gohr et al (2013, p.14) também sugerem outro tipo de análise qualitativa (em forma de quadro comparativo), conforme pode ser visto no Quadro 3 adiante. O mesmo foi muito útil, pois através dele, pude comparar os diversos trabalhos encontrados, tanto na classificação geral, que trata de títulos, ano, autores, revistas, e etc, quanto na classificação específica do conteúdo, onde

pude comparar as palavras-chave, objetivos, se os artigos eram teóricos ou empíricos, qual o método empregado entre outras comparações. Pois assim mesmo antes da leitura específica de cada trabalho, já tinha uma visão prévia de quais os trabalhos se assemelhavam e quais se divergiam.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS ARTIGOS						
Título	Ano de publicação	Autores	Revistas	Número de citações	JCR	Classificação Qualis (Capes)
CLASSIFICAÇÃO ESPECÍFICA DO CONTEÚDO DOS ARTIGOS						
Palavras-chave	Objetivo	Artigo Teórico/empírico	Método empregado	Setor de aplicação (pesquisas empíricas)	Conceitos adotados	Resultados alcançados

Quadro 3: possibilidade de análise dos artigos encontrados
Fonte: quadro retirado e adaptado de Gohr et al (2013, p.15).

Após a definir as etapas a serem seguidas durante a pesquisa também estabeleci seu cronograma de execução. Definido todo o processo a ser adotado na RSL, comecei a organização para iniciar a pesquisa em si. Primeiro criei no computador algumas pastas para armazenar todos os estudos válidos encontrados na busca. Em seguida visitei cada um dos sites e realizei a busca conforme a equação de pesquisa e os critérios de inclusão e exclusão. Utilizando combinações da equação de pesquisa, como “metodologia AND trompete”, encontrei 51 estudos na busca direta dos sites das instituições. Fiz uma leitura dos títulos e resumos nos próprios sites, e verifiquei que apenas 4 tratavam especificamente do tema. Por entender que seria necessário mais do que 4 trabalhos para concluir uma revisão sistemática que apresentasse uma visão ampla sobre o tema, decidi incluir a busca direta no Google.

Na busca que fiz no Google utilizando a equação “metodologia ensino trompete” esse número aumentou consideravelmente, chegando a 44.500 trabalhos. Então refinei a busca para títulos que continham termos específicos e simultâneos descritos na equação de pesquisa “Metodologia, trompete, ensino, não formal, social, sociocultural, ONG, igreja, conservatório, instituto” e o número foi reduzido para 4.590 estudos. Após isso analisei mais atentamente os títulos, e acessei os resumos e palavras-chave dos trabalhos a partir dos critérios de exclusão, recusando os que não abordassem especificamente a metodologia do

ensino de trompete em espaços não formais. Com este refinamento, o número de estudos caiu para 123. Em seguida retirei os estudos duplicados e de outros países, resultando 16 estudos que atenderam a todos os critérios de validade metodológica. Somente então baixei e salvei estes estudos na pasta criada especificamente no meu computador para esta pesquisa. No próximo capítulo apresentarei uma análise mais detalhada desses 16 estudos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para iniciar a análise dos 16 trabalhos encontrados separei primeiro pela sua natureza acadêmica: 05 artigos, 05 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), 05 dissertações e uma tese. Para cada um dos trabalhos foi feita uma pequena tabela descrevendo alguns dados, como veremos logo abaixo:

Artigos:

Título: O ensino de trompete em Goiânia: a realidade do discente em bandas marciais
Data: 2009 Autores: Aurélio Nogueira de Sousa e Sônia Ray
Palavras-chave: Trompete; Banda marcial; Pedagogia da performance; Ensino coletivo de instrumento musical
Resumo: Este artigo trata do perfil dos discentes que atuam nas bandas marciais de Goiânia. A realidade do discente destas bandas foi estudada a partir do cruzamento de dados obtidos em consultas aplicadas in loco e revisão bibliográfica. A principal conclusão a que se chegou foi que a inclusão pela internet é uma realidade cada vez mais presente e tem servido de acesso dos alunos com material pedagógico relevante.

Título: A educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de São José (SC): três estudos de caso
Data: 2011 Autor: Mauro César Cislighi
Palavras-chave: educação musical, bandas de música, práticas pedagógicas
Resumo: Este artigo consiste em um recorte da dissertação1 Concepções e ações de educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de São José – SC: três estudos de caso. O presente trabalho teve como objetivo registrar e analisar as concepções dos professores sobre educação musical e os processos de ensino e aprendizagem de música. Utilizei como referencial teórico as tendências pedagógicas sintetizadas por Libâneo (1994). Foram realizados três estudos de caso, com abordagem qualitativa. A partir da análise, observa-se que os processos de ensino e aprendizagem de música variam conforme a abordagem realizada por cada professor, o que demonstra uma pluralidade de pedagogias convivendo entre si. Os resultados sinalizam também para a importância do Projeto na vida das crianças e jovens participantes, proporcionando uma formação mais ampla como cidadãos.

Título: Uma proposta pedagógica para o ensino de instrumentos de metais no contexto de bandas filarmônicas usando dobrados como elemento de aprendizagem
Data: 2016 Autores: Breno Novaes Alves, Iago Ribeiro Rodrigues, Lilian Danila Guimarães dos Santos, Rogério Carvalho da Silva
Palavras-chave: Pedagogia Musical, Performance, Dobrado
Resumo: O presente trabalho aborda uma proposta pedagógica no contexto de Bandas Filarmônicas, em que seja possível transmitir aos alunos desse ambiente, uma aprendizagem significativa com a proposta de vivências musicais e sociais, sendo possível a utilização de Dobrados pertencentes em suas práticas, a uma adaptação de melodias possibilitando difundir o desenvolvimento técnico do aluno, ligado ao seu cotidiano musical e sua estrutura cultural, facilitando na construção pedagógica musical em que se insere. Esse processo se consolida a partir de análises e estruturas melódicas existentes nos dobrados como escalas, arpejos, articulações, sonoridade, digitação, dando a possibilidade de adaptar trechos existentes a alterações e complementação de exercícios preliminares voltados a realidade dos alunos, para ser possível o alcance das melodias próximas a sonoridade dos seus convívios. A cerca do pensamento de Libâneo (1994) se faz possível a capacidade do ensino ser adaptado a realidade do aluno no sentido de uma construção metodológica, tornando essa utilização no meio musical tradicional de Bandas Filarmônica algo sistemático. Dando sentido a ideia de Unglaub (2012), onde a utilização de novas ferramentas no ensino propicia o conhecimento de forma mais apreciável. Partindo das análises em práticas, a assimilação dos alunos pode ser percebida nos trechos adaptados, fazendo com que o sentido musical seja reconhecido ao longo da execução, isso torna a compreensão do trabalho em resultados positivos, na medida em que o reconhecimento na prática o torna consciente dessas melodias, fazendo com que os próprios alunos venham a sentir prazer e facilidade no momento do estudo através desta concepção sonora.

Título: A Big Band CMS/Conservatório Municipal de Socorro: a prática musical no campo da educação não formal
Data: 2017 Autores: Livia Morais Garcia Lima, Klesley Bueno Brandão e João Casimiro Kahil Cohon

Palavras-chave: Educação não formal. Aprendizagem. Banda de música. Música popular.
Resumo: Este artigo aborda a problemática das práticas e processos educativos que acontecem no campo da educação não formal de música. O objetivo é apresentar e discutir as práticas do coletivo musical Big Band CMS enquanto um espaço de formação de seus participantes, por meio de uma análise desenvolvida por membros da Big Band CMS que buscam uma reflexibilidade sobre sua própria prática de aprendizagem. Nesse sentido, a metodologia empregada é a pesquisa qualitativa realizada por meio da vivência de dois integrantes do grupo, de acordo com a análise de atividades educacionais que ocorrem nesse grupo/espaço. Assim, é também intenção do artigo destacar a relevância da criação e a manutenção de projetos, como a Big Band CMS, por iniciativa espontânea da população, que afirmam a importância de pesquisas no campo ampliado da educação, reforçando a identidade social e comunitária por intermédio da experiência coletiva de aprendizado.

Título: Contribuições do Método da Capo na formação da Banda Waldemar Henrique de Marabá-PA: um relato de experiência
Data: 2017 Autoras: Juliane Barbosa de Sousa e Karina Firmino Vieira
Palavras-chave: método Da Capo, bandas de música; música no estado do Pará
Resumo: O presente trabalho consiste em um relato de experiência, com um olhar de professora e instrumentista de banda, sobre a aplicação do método de ensino Coletivo Da Capo no processo de formação da Banda de Waldemar Henrique no município de Marabá – PA. O referido método, possui forte influência em bandas do estado do Pará. Desta forma, através deste relato, busca-se conhecer, refletir sobre sua aplicação e contribuir com as discussões sobre esta temática.

Trabalhos de Conclusão de Curso:

Título: A metodologia do ensino de instrumentos de sopro na Banda da Lapa
Data: 2010 Autor: Humberto César Ribeiro
Palavras-chave: Banda de Música, Metodologias de Ensino, Instrumentos de Sopro, Educação Musical
Resumo: Este trabalho de conclusão de curso (TCC) investiga os procedimentos metodológicos no ensino de instrumentos de sopro na Banda de Música. Foi realizado um estudo com três professores de instrumentos de sopro da Banda da Lapa, localizada em Florianópolis, Santa Catarina. O objetivo da pesquisa foi verificar o que pensam os professores sobre suas metodologias de ensino musical. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e, como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. A análise demonstrou que os professores de sopro da Banda da Lapa têm como seu principal objetivo formar músicos para compor a banda e também que a metodologia aplicada nesta entidade são aplicadas de forma tradicional, focando em estudos técnicos para a execução do repertório da banda. Algumas dificuldades são relatadas pelos professores, quanto ao aprendizado dos alunos e preparação das aulas.

Título: Ensino de trompete a distância: possibilidade para a qualificação do ensino-aprendizagem em bandas escolares
Data: 2011 Autor: Leandro Libardi Serafim
Palavras-chave: Música, Educação Musical, Ensino a distância, Bandas escolares, Trompete.
Resumo: Devido à popularização da internet, ampliam-se possibilidades educacionais, entre elas para o ensino de música a distância, porém, poucas delas direcionadas aos regentes de bandas escolares, em particular, no que se refere aos instrumentos de sopro. Neste trabalho busco descrever, a partir de um estudo de revisão, experiências de ensino-aprendizagem em bandas escolares, de ensino-aprendizagem de trompete e de ensino-aprendizagem de instrumentos musicais em modalidade a distância. Com isso, espera-se, futuramente, formular um conjunto de propostas conceituais com vistas a compreender quais as possibilidades para a criação de um modelo pedagógico para o ensino de instrumentos de sopro na modalidade a distância mediada pela internet, a começar pelo ensino de trompete. Além disso, são escassos os estudos e pesquisas sobre o ensino de trompete no Brasil. Portanto, este trabalho vem a contribuir com a ampliação dos materiais que abordam o ensino deste instrumento, mais especificamente, em modalidade EAD.

Título: A formação do trompetista popular Daniel D'Alcantara: Um estudo de entrevista narrativa
Data: 2014 Autora: Raíza Silva De Andrade
Palavras-chave: Experiência formativa em música; trompete popular; entrevista narrativa; autobiografia.
Resumo: Esse trabalho tem como tema a formação do trompetista popular. O objetivo da pesquisa consiste em investigar o percurso formativo de Daniel D'Alcantara, músico e professor de trompete da Escola de Música do Estado de São Paulo – EMESP, Escola Municipal de Música – EMM e Faculdade Souza Lima. Como objetivos específicos destacam-se a busca por conhecer aspectos de seu processo profissional, como músico e educador, e como se vê a partir de suas experiências formativas. A revisão de literatura foi fundamentada em conceitos que tratam do ensino de trompete (BAPTISTA, 2010); ensino da música popular (SANTIAGO, 2006); e experiência formativa na perspectiva de Josso (2004). A metodologia utilizada foi a abordagem (auto)biográfica, tendo como técnica de pesquisa a entrevista narrativa, que possibilitou ao entrevistado a construção de narrativas de si. Os resultados apontam que

os conhecimentos adquiridos no decorrer de um processo formativo resultam, neste caso, de redes de formação, tais como: família, escola, amigos, universidades, entre outros. Nesse aspecto os indivíduos formam-se por intermédio das relações das pessoas com a música sob aspectos que envolvem um jeito próprio de se apropriar e/ou transmitir conhecimentos musicais quer seja ensinando, aprendendo ou tocando.

Título: As bandas de música na formação do músico instrumentista profissional de São Luís/MA
Data: 2014 Autor: Wilson Pereira Almendra Júnior
Palavras-chave: Trompete; Banda marcial; Pedagogia da performance; Ensino coletivo de instrumento musical
Resumo: Demonstração da influência que as bandas de música trazem para os jovens músicos que iniciaram seus estudos neste tipo de formação musical. Para isso, foi necessário, além da pesquisa bibliográfica, a elaboração e aplicação de um questionário que envolveu cinquenta músicos de bandas de nível profissional atuantes em São Luís do Maranhão. O estudo foi realizado com músicos da Banda de Música do 24º Batalhão de Caçadores, da Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Maranhão, da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Maranhão e da Banda de Música da Guarda Municipal do município de São Luís. As informações colhidas foram tratadas estatisticamente, através de abordagem qualitativa e análises cruzadas, procurando revelar um pouco da trajetória de vida dos músicos envolvidos nesta pesquisa para, por fim, demonstrar a importância das bandas de música em sua formação.

Título: Música na igreja: o processo de aprendizagem dos alunos de trompete da Orquestra Filadélfia em Palmas Tocantins
Data: 2017 Autor: Wilton Monteiro Dourado
Palavras-chave: Música na igreja; Aprendizagem de trompete.
Resumo: Através do presente estudo buscou-se investigar como se dá o processo de aprendizagem do trompete no seguimento de orquestra no projeto da igreja Assembleia de Deus em Palmas-TO. Para o desenvolvimento desse trabalho, em uma abordagem qualitativa e indutiva utilizaram-se alguns elementos do estudo de caso. A coleta de informações consistiu em uma entrevista semiestruturada em grupo com quatro trompetistas. A partir das informações e análise dos dados coletados, percebeu-se que os alunos de trompete da referida igreja aprendem através da busca específica de saberes, com métodos e hinos do contexto da igreja instigados pelo professor. Espera-se que esse trabalho contribua para as comunidades acadêmicas e musicais bem como para publicações especializadas nesse contexto.

Dissertações:

Título: Iniciação ao trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba: processos de ensino e aprendizagem dos fundamentos técnicos na aplicação do método <i>da capo</i>
DATA: 2008 Autor: Fabrício Dalla Vecchia
Palavras-chave: banda de música; respiração; embocadura; postura; emissão de som; trompete; trompa; trombone; bombardino; tuba.
Resumo: No Brasil as bandas de música são importantes formadoras de instrumentistas de sopro e percussão. É preciso conhecer melhor seus processos de ensino-aprendizagem e, assim, ampliar questões relativas às suas práticas pedagógicas. Este trabalho tem como tema os fundamentos de se tocar instrumentos de metais, mais especificamente trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba. Os sujeitos da pesquisa são professores-regentes de bandas que utilizam o método elementar para o ensino coletivo de instrumentos de banda <i>Da Capo</i> (2004). Este trabalho buscou investigar quais fundamentos eles ensinam, quais são suas concepções sobre estes fundamentos, como eles os ensinam e como esse processo pode ser aprimorado. Os fundamentos pesquisados foram respiração, embocadura, postura e emissão do som, cujas iniciais formam o "REPE". A metodologia de pesquisa qualitativa de natureza descritiva foi utilizada. Adotou-se o delineamento de estudo de campo, basicamente desenvolvido por meio de observações acompanhadas de anotações em diário de campo. Foram realizados também questionários com professores e alunos que utilizam ou utilizaram o referido método. Concluiu-se que os fundamentos de respiração, embocadura, postura e emissão do som são os mais utilizados por estes professores e que suas concepções sobre estes não discordam da bibliografia atual. Contudo, a maioria destes professores expressa profunda diversidade de técnicas e estratégias de ensino. Como proposta de aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem do REPE (fundamentos) em contexto de ensino com o <i>Da Capo</i> , este trabalho apresenta o roteiro de um tutorial em vídeo que pode auxiliar alunos e professores na fixação dos princípios necessários para tocar instrumentos de metal.

Título: Método de Estudo Para Trompete Paulo Cesar Baptiste USP
Data: 2010 Autor: Paulo Cesar Baptista
Palavras-chave: Música, técnica, trompete, metodologia, erudito, popular, formação e evolução.

Resumo: Devido à longa tradição da arte de tocar trompete e da evolução que ocorreu com o instrumento ao longo dos séculos, o trompete passou a ser utilizado como instrumento de referência na família dos metais, bem como a ocupar posição de solista em recitais e concertos. Técnicas para seu aprendizado foram criadas e aperfeiçoadas com mais rapidez e passou a ser utilizado em outros estilos musicais, particularmente no Jazz. O caminho que indicamos para a formação técnica e musical de um trompetista é o mesmo, independentemente do estilo em que pretenda atuar. Um trompetista sem formação técnica e sem cultura musical consegue tocar, mas não consegue se expressar.

Título: Desenvolvimento da percepção auditiva na aprendizagem do trompete: avaliação de estudos coletivos adotados pelo projeto GURI

Data: 2012

Autor: Jorge Augusto Scheffer

Palavras-chave: Estudos coletivos; trompete; execução de quintas justas.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo verificar os efeitos da prática de estudos coletivos no aprimoramento da execução (percepção) das quintas justas em trompetistas, por meio da avaliação de um suplemento didático adotado pelo projeto Guri. Os músicos que executam instrumentos não temperados necessitam realizar correções de frequência em tempo real durante uma execução instrumental, entretanto, este procedimento é um dos grandes desafios na prática instrumental e na didática de ensino desses instrumentos. Para o experimento, alunos de um curso de trompete da cidade de Curitiba (n=8) foram divididos em dois grupos: um grupo controle, formado por estudantes que não foram submetidos à execução de cinco sessões com o emprego da prática desses estudos coletivos e um grupo experimental, formado por estudantes que foram submetidos à execução desses estudos. Nas *performances* de cada estudante foram gravadas em duas etapas, 160 melodias comuns a ambos os grupos, apresentadas em duas modalidades: solo e com base (segunda voz). A avaliação foi realizada por juízes externos, profissionais com experiência no estudo e no ensino do trompete, totalizando 640 intervalos de quintas justas avaliados. Uma análise de variância mostrou que houve desenvolvimento no aprimoramento da execução dos intervalos de quintas justas quando as melodias com base foram executadas pelo grupo experimental.

Título: Práticas informais no ensino coletivos de sopro: um experimento no Guri.

Data: 2012

Autor: Luis Santiago Malaga Leme

Palavras-chave: Educação não formal. Aprendizagem. Banda de música. Música popular.

Resumo: Este trabalho apresenta algumas contribuições para uma atualização metodológica e pedagógica do ensino de instrumentos de sopro em aulas coletivas inspirado pelas práticas informais de aprendizagem identificadas por Green (2008), Braga (2005) e Priest (1989) entre outros. As práticas informais são um conjunto de atividades identificadas pela literatura como típicas da música popular ou tradicional que possuem interesse para a educação musical formal. Suas características principais podem ser resumidas como: concessão de espaço e tempo para os alunos improvisarem e experimentarem; livre escolha do repertório e; maior uso de modelos visuais e sonoros dados pelo professor e por gravações trazidas à sala de aula. As práticas informais estão de acordo com a pedagogia de Paulo Freire na medida em que colocam a autonomia como meio de aprendizagem e não apenas como finalidade. A formalização das práticas musicais na direção da escrita e leitura de partituras é um processo antigo correlacionado ao desenvolvimento do racionalismo na história do pensamento ocidental em sua busca pela precisão, segundo Koellreutter (Brito, 2007). O caminho que as práticas musicais tomaram teve seu ápice no século XIX, sendo que o sistema de ensino dos conservatórios constituído nesta época perdura até os dias de hoje na educação musical, em especial no ensino formal e tradicional. É só a partir da segunda metade do século XX que os trabalhos de educação musical procuraram reequilibrar o processo de transmissão da música em busca da oralidade e da subjetividade que quase se perdeu. Este trabalho procura ser mais uma contribuição nesta direção. A pesquisa procurou implementar as práticas informais seguindo em linhas gerais o modelo sugerido por Green (2008) mas também incorporando as contribuições de outros autores como Braga (2005) e Priest (1989) no curso de iniciação aos instrumentos de sopro do Guri. O foco principal foi a análise do comportamento dos alunos perante as atividades, geralmente pouco estruturadas, bem como de seu desenvolvimento musical ao longo das aulas, utilizando o método de pesquisa baseado no estudo de caso instrumental. Apesar de vários percalços ao longo do trabalho, os resultados obtidos foram bastante favoráveis a adoção destas práticas e corroboram com as ideias de Green (2008). Tanto no que diz respeito a tocar a melodia escolhida pelos próprios alunos, como nas improvisações, vários deles demonstraram bastante desembaraço e independência. Também se observou que, por serem uma forma mais direta e musical de se aprender, as práticas informais permitiram aos alunos lidar com materiais musicais muito mais ricos e complexos do que em um curso tradicional. Por outro lado estas práticas pareceram mais adequadas para os alunos mais velhos, uma vez que estes tendem naturalmente a ter mais voz no grupo e a exercer mais plenamente a sua autonomia, inibindo os mais jovens que talvez tivessem sido beneficiados por mais apoio docente.

Título: Projeto retreta nas escolas: estudo de um caso de educação sociomusical
Data: 2015 Autor: Ricardo Miquelino
Resumo: O presente estudo de caso aborda os aspectos envolvidos num projeto de Educação Musical denominado “Projeto Retreta”, que desde 2010 descentraliza o acesso ao ensino musical no município de Artur Nogueira, estado de São Paulo. Inicialmente, foi realizado um breve histórico acerca da origem das Corporações (Bandas) Musicais no Brasil, e também a história da Corporação Musical 24 de Junho e seu desenvolvimento através dos anos. Se destaca na pesquisa aqui apresentada, uma concisa abordagem sobre educação sociocomunitária, ressaltando a importância da prática musical como ferramenta facilitadora de inclusão sociocultural, e enfatizando o ensino coletivo de instrumentos musicais. Por meio deste estudo de caso foi possível, através de um questionário digital coletar dados de docentes, discentes, familiares e membros da comunidade local contendo informações relacionadas ao Projeto Retreta. Como objetivo principal que se tem nesse trabalho é mensurar os aspectos a serem melhorados e grau de influência que o projeto tem na esfera musical, mas também sociocultural. Tem-se também como objetivo aferir o grau de envolvimento dos jovens e adolescentes com o projeto. Por meio da análise dos dados, mostraram-se não somente as fragilidades que dificultam o crescimento do projeto, mas principalmente afirmar as suas potencialidades, não somente como o projeto inicialmente idealizado, mas também como ferramenta auxiliadora na formação do caráter dos alunos como pessoas e cidadãos.

Tese:

Título: Ensino-aprendizagem de instrumentos de sopro/metais em contextos coletivos: abordagens metodológicas e materiais didáticos para a formação de licenciandos em música
Data: 2016 Autor: Leandro Libardi Serafim
Palavras-chave: chave: Educação Musical, ECIM, Instrumentos de Sopro
Resumo: A pesquisa em questão trata das abordagens metodológicas e materiais didáticos direcionados ao ensino-aprendizagem de instrumentos musicais de sopro no âmbito de cursos de licenciatura em música, considerando a formação de músicos-educadores capazes de promover o ensino coletivo e a aprendizagem compartilhada destes instrumentos nas práticas escolares e não escolares. O procedimento metodológico se iniciará com uma Revisão de Literatura, seguida de análise e criação de materiais didáticos e abordagens metodológicas para o ensino-aprendizagem de instrumentos da família dos metais (trompete, trombone, trompa, eufônio e tuba). O processo de teste <i>in loco</i> deste materiais e abordagens, será realizado nas disciplinas de <i>Introdução ao Instrumentos Melódico e Metais</i> do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC). Durante a testagem será feita a coleta de dados através de relatórios e vídeos que serão analisados com o aplicativo ENCODE, desenvolvido pela Université Laval, onde o autor realizará cotutela. Como produto final, juntamente com a Tese, espera-se disponibilizar um conjunto de materiais didáticos que poderá ser utilizado tanto nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Música da UFC, como em outros cursos formais, não formais e informais que tenham objetivos similares à proposta em questão.

Após essa organização dos trabalhos, iniciei a leitura propriamente dita de cada um. Nos subitens a seguir detalharei os estudos indicados nos quadros de acordo com cada um dos objetivos desse trabalho.

4.1 Metodologias de ensino do trompete

Conforme vimos nos trabalhos estudados, são mencionadas basicamente duas as metodologias do ensino de trompete como as mais adotadas no ensino não formal: a *metodologia tradicional*, e a *metodologia de ensino coletivo*.

Malaga (2012), Serafim (2011), Baptista (2010), Junior (2014), Miquelino (2015), Ribeiro (2010), Cislighi (2011), Sousa e Vieira (2017), Andrade (2014) e Vecchia (2008) contextualizaram e conceituaram a metodologia tradicional. Nessa metodologia, segundo esses autores, é ensinado aos alunos primeiro a parte teórica e depois insere-se o instrumento musical. Além disso, Junior (2014) e Miquelino (2015), afirmam que a metodologia tradicional também possui um

caráter individual. Segundo Junior (2014, p.70), essa metodologia apresenta “inúmeros pontos positivos, [...] o professor atua diretamente como referência sonora para o aluno”, outrossim [...] “tem uma maior percepção no que diz respeito às dificuldades do aluno, podendo ainda trabalhar as soluções com maior tempo”. Ainda segundo o autor essa metodologia é muito praticada por conservatórios.

Almeida (2010, p.40-41, apud Junior 2014, p.22-23) descreve outros pontos presentes nessa metodologia:

A metodologia de ensino tradicional presente na maioria das bandas está refletida na forma mecânica de aprendizagem do solfejo, levando a uma racionalização excessiva na aprendizagem musical. Na fase inicial de formação da maioria das bandas, quando se dá ênfase ao ensino da teoria musical, exige-se a prática da memorização e repetição de conceitos e exercícios, aspectos constituintes de um currículo musical tradicional situado pelo regente como necessário para a prática instrumental.

Junior (2014, p. 05) cita sua experiência pessoal que exemplifica muito bem a metodologia tradicional:

Nos primeiros meses tivemos aulas de teoria musical, que abrangia: ditados rítmicos, parâmetros do som - altura, intensidade, duração, timbres, e outros elementos necessários para a leitura da partitura, como, sinais de alteração, claves, figuras musicais e suas durações, fórmulas de tempo e compassos, etc. Após três meses de aulas teóricas, recebi meu primeiro instrumento musical, a Clarineta.

Assim como Júnior (2014), Ribeiro (2010, p.28) descreve como se dá a metodologia tradicional do ensino de sopro na Banda da Lapa, contudo essa metodologia é comum às bandas de música que trabalham a metodologia tradicional:

[...] enfatizar o ensino nos primeiros seis meses a teoria musical, e posteriormente a esse tempo o aluno recebe o instrumento. Essas aulas teóricas são ministradas pelos três professores e por outros músicos voluntários da banda, durante seis meses. Durante esse tempo o aluno vai se familiarizando com o ambiente da banda, tendo um convívio com os músicos, apreciando os ensaios da banda, conhecendo melhor os instrumentos que deseja tocar futuramente e a forma organizacional da banda. Após esse período os alunos recebem os instrumentos, e iniciam as aulas práticas de acordo com o seu naipe instrumental, que são lecionadas pelos professores entrevistados. Estas aulas ocorrem até o professor discernir se há capacidade do aluno ingressar no elenco principal da banda. E depois, de ingressar na banda o músico tem somente a instrução do chefe de naipe durante os ensaios de naipe e a instrução do regente durante o ensaio geral da

banda.

Alves et al. (2016, p. 02) apresentam uma variação da metodologia tradicional. Os autores utilizam a adaptação de Dobrados para promoverem o aprendizado musical. Contudo, esse processo ainda se mantém dentro da metodologia tradicional, pois os alunos precisam estudar teoria e métodos do trompete antes de ter contato com essa possibilidade de aprendizado.

Uma outra variação da metodologia tradicional é adotada por alguns maestros. Eles compõem e adaptam arranjos pensando na dificuldade técnica específica do estudante de trompete, e nesse arranjo também incluem novos elementos para estimular sua evolução técnico-musical. (LIMA; BRANDÃO; COHON, 2017, p. 74).

Mizukami (1986, apud Andrade 2016, p.12), descreve pontos positivos e negativos na metodologia tradicional:

Dentre os aspectos positivos estão: a transmissão de um corpo de conhecimento que se acumula no decorrer dos anos, de forma sistemática, resultando em ganho de tempo e qualidade; o contato com as grandes realizações da humanidade (obras primas da literatura, artes, raciocínios, métodos e aquisições da ciência); a boa formação técnica de profissionais nas mais diversas áreas. A parte negativa reside na perda da criatividade por parte do aluno, provocada por inúmeros fatores: um ambiente de ensino austero; excessiva autoridade conferida ao professor; excesso de memorização que acarreta um ensino mecânico, sem grandes inovações; fragmentação dos conteúdos; e, manutenção da passividade do aluno perante o mundo e o conhecimento (MIZUKAMI, *apud* ALBINO, 2009, p. 32-3).

Dourado (2017, p.21) afirma que o professor deve adequar as metodologias conforme os alunos e o seu contexto. Por exemplo, em um contexto de ensino de trompete na igreja,

[...] o papel do professor é basicamente de guiar os alunos a fim de instiga-los ao conhecimento. Nesse sentido o docente age como potencializador de saberes em que os discentes podem buscar esse conhecimento tanto com os professores como com os seus colegas de naipe. (DOURADO, 2017, p.22)

Dentre os autores estudados, Malaga (2012), Serafim (2011), Serafim (2016), Scheffer (2012), Alves et al. (2016), Junior (2014), Miquelino (2015), Ribeiro (2010), Sousa e Vieira (2017), Andrade (2014), Vecchia (2008) e Dourado (2017) também descrevem sobre a metodologia de ensino coletivo.

Segundo Moreira (2009, p.129, apud Sousa e Vieira, 2017 p.02), a metodologia de ensino coletivo, tem como principal característica o “fato do aprendiz ter o contato com o instrumento desde a primeira aula e a possibilidade de formar, além da banda, conjuntos menores como duos, trios e quartetos, promovendo uma forte motivação nos alunos”.

A metodologia de ensino coletivo já é usada há algum tempo em outros países como os Estados Unidos, porém, aqui no Brasil é relativamente nova e basicamente usada em Bandas e Fanfarras, onde se tem um professor-regente para ensinar todos os instrumentos. Vejamos como Júnior (2014, p.16) descreve esse processo:

O ensino nas bandas de música é ministrado principalmente pela figura do regente. Porém, ao mesmo tempo, recebe a ajuda de seus alunos veteranos (que ajudam como monitores), por serem mais experientes em relação aos recém-integrantes. Assim, a banda se torna um ambiente de ensino e aprendizagem, pois é um espaço onde se aprende fazendo, observando e interagindo com os colegas e, ao mesmo tempo, há a instrução por um professor ou instrutor.

Durante essa pesquisa verifiquei que a disponibilidade de métodos de ensino coletivo em português do Brasil são raros. Conforme Miquelino (2015, p.73), “um dos grandes problemas do ensino coletivo está no fato de que, muitos alunos não possuem seus próprios instrumentos, e muitos lugares que oferecem aulas de instrumentos não permitem que os alunos levem os instrumentos para a casa”. Por isso é importante adotar uma metodologia que otimize cada segundo que o aluno está em contato com o instrumento.

Ambas as metodologias descritas tem suas peculiaridades. Júnior (2014, p.18) procurou caracterizar as diferenças entre elas, conforme pode ser visto no Quadro 4. No entanto, essas características não podem ser generalizadas, pois que cada vez mais a linha entre as duas metodologias se estreita e se entrelaça. Em algum momento da história essas diferenças já foram como descritas acima, mas atualmente tem sido comum encontrar uma mescla dessas metodologias dentro do mesmo projeto. Também é possível adotar a metodologia tradicional para trabalhar em grupo, ou a metodologia do ensino coletivo para ensinar individualmente.

<p>METODOLOGIA TRADICIONAL (INDIVIDUAL)</p>	<p>METODOLOGIA DE ENSINO COLETIVO</p>
--	--

1 - É mais adequado à formação profissional;	1 - Está mais direcionado a iniciantes;
2 - Atende as necessidades de um único aluno;	2 - Atinge um número muito maior de beneficiados em relação ao ensino individual;
3 - Ensino de alto custo financeiro, se comparado com o ensino coletivo;	3 - Baixo custo financeiro por atender um maior número de indivíduos;
4 - Necessita de um professor especializado;	4 - Está presente a figura do regente;
5 - Exige maior concentração do aluno;	5 - Exige maior concentração do professor;
6 - Desenvolvimento técnico mais satisfatório;	6 - Permite o desenvolvimento espontâneo através da interação social e do aprendizado independente, a partir de observação e diálogo com os colegas;
7 - Adotado em aulas particulares utilizando uma abordagem interdisciplinar;	7 - Adotado nas aulas em grupo com abordagem cooperativa;
8 - Utilização de métodos específicos;	8 - Utiliza métodos elementares para o ensino coletivo de instrumento de bandas;
9 - Especialização do intérprete;	9 - Especialização em prol do grupo;
10 - Remonta ao modelo conservatorial;	10 - Estimula a permanência dos participantes em virtude do grupo.

Fonte: quadro retirado e adaptado de Júnior (2014, p.18).

Alguns pontos deste quadro podem ser especialmente discutidos, como o item 5, por exemplo, que afirma que se exige a maior concentração do aluno na metodologia tradicional e maior concentração do professor na coletivo. É possível afirmar que, independente do modelo adotado, o aluno e professor devem se dedicar e concentrar mutuamente. Outro item do qual discordo é o item 10, que afirma que o tradicional remonta ao modelo conservatorial e o coletivo estimula a permanência dos participantes em virtude do grupo. Um exemplo que inverte ou equilibra estes elementos é o projeto da Banda Sinfônica do Curso de Música da Universidade Federal de Santa Maria descrito por Garbosa (2017). O autor descreve o projeto desenvolvido com alunos do curso de bacharelado e licenciatura em música e voluntários dentro da universidade, e poderíamos considerá-lo como afim à metodologia tradicional. Contudo, o relato do autor aponta para um trabalho desenvolvido em conjunto onde cada participante desenvolve o senso de coletividade. Nesse espaço estudantes universitários de diversos níveis trabalham dentro do mesmo ambiente, tendendo a se ajudar e se espelhar no colega. Esse é um dos vários projetos que me fazem acreditar que cada vez mais a prática em conjunto, o ensino coletivo, vem ganhando espaço, e que cada vez mais as metodologias vem sem complementando. Esta também é a percepção de Miquelino (2015, p.75), que afirma que:

O ensino coletivo e o individual não se opõem um ao outro, pelo contrário, ambos se completam e são de extrema importância para a

formação do músico. [...] Neste caso, o aluno terá uma formação ampla, completa, específica e técnica.

Esta complementação também é vista na análise realizada a respeito dos métodos de trompete, conforme será visto adiante.

4.2 Métodos adotados no ensino não formal de trompete

Mesmo que já tenhamos alguns anos de ensino de trompete no Brasil, no ensino coletivo de trompetes, Serafim (2011, p. 76) destaca que,

[...] ainda são escassos os materiais didáticos que possam auxiliar regentes-professores em sua árdua missão de musicalizar, ensinar diversos instrumentos e reger, além de outras funções que, muitas vezes, recaem sobre eles, como a realização de arranjos e adaptações, a manutenção de instrumentos e as funções administrativas.

Até mesmo na metodologia tradicional há algum tempo ainda não havia uma grande variação e disponibilidade de métodos. Vecchia, (2008, p.29) relata que:

Cascapera (SD), logo no prefácio de seu método para trompete, relata a dificuldade pessoal de iniciar o aprendizado com métodos estrangeiros por não haver materiais em português na época. Então, seu pai, Décio Cascapera, também seu primeiro professor, o ensinava escrevendo exercícios de próprio punho.

Para o ensino coletivo de trompete, Serafim (2016, p. 10-11) apresenta o método “Tocar Junto: ensino coletivo de banda marcial” de autoria de Marcelo E. Alves (2014), o método “Metais: Livro didático do Projeto Guri – Básico 1” de autoria de Jorge A. Sheffer (2012) e o método “Da Capo: método elementar para o ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda” de Joel L. Barbosa (2004).

Entre os métodos mais utilizados na metodologia tradicional está o “Método para Trompete e Cornetim” de J. B. Arban (LOCATELLI, 2013, p.05). Dourado (2017, p. 26) também aponta outros, como o “Método Completo de Divisão musical” de Paschoal Bona e o “Método Suziki” de Shinichi Suzuki, que na verdade nem são específicos para o estudo do trompete, porém, são utilizados para tal. Andrade (2014, p. 40), cita o “Melodious Fundamentals” de Charles Colin, e o “Edwards-Hovey” de Austyn R. Edwards e Nilo W. Hovey, além de reafirmar a utilização do método de J. B. Arban. Outro método direcionado ao

ensino-aprendizagem do trompete em bandas de sopro é o Livro 01 de trompete (LAUTZENHEISER, T. et al., 2006) que faz parte do Essencial Elements 2000 Plus, da editora Hal Leonard (SERAFIM, 2011, p. 37). Segundo Locatelli, (2013, p.06) alguns métodos são escritos por alunos de grandes trompetistas que escrevem os ensinamentos de seus mestres. Desses métodos ele aponta LOUBRIEL, Luis E. “Regreso a lo básico para trompetistas – la enseñanza” de Vincent Cichowicz. Outro método do ensino tradicional também apontado nos trabalhos foi o “Caderno de trompete” de autoria de Fernando Dissenha (2008).

Dentre os métodos apontados na RSL, tive acesso a alguns e pude fazer uma breve análise. O “Caderno de Trompete” de Fernando Dissenha é utilizado nos projetos do Sopro Novo da Yamaha. O mesmo é vendido em diversos sites, como o da Editora Irmãos Vitale, na Saraiva, no próprio site do autor, entre outros.

[...] se destina a todos os níveis de aprendizagem do instrumento. Além de abordar aspectos básicos (postura, dedilhado, afinação etc.), exercícios de fundamentos (fluência, flexibilidade, articulação e etc.) e estudos baseados em um coral de Bach, o caderno traz, ainda, duetos, três pequenas peças e um solo com banda. Além disso, o caderno é acompanhado por um CD em que se encontram todos os exercícios (faixas solo) e os acompanhamentos para a prática individual (faixas playback). (SERAFIM, 2011, p.36)

Esse é um método que apresenta desde como segurar o instrumento até exercícios com um grau de exigência maior. Portanto, tanto iniciantes como trompetistas intermediários e até profissionais podem utilizá-lo.

O método Da Capo, que conforme Vecchia, (2008, p.30 apud, SOUSA e VIEIRA 2017 p.1-2), está entre os mais utilizados, foi

[...] criado pelo educador musical Joel Barbosa, como sua tese em seu Doutorado nos Estados Unidos. O referido método foi fundamentado em métodos norte-americanos de ensino instrumental, onde aborda a metodologia de ensino Coletivo e / ou individual de instrumentos de banda.

Esse método possui um livro específico para o trompete, com diversos exercícios de teoria, exercícios de divisão musical, estudos técnico-instrumentais, músicas do folclore brasileiro, estudos para banda completa, entre outras possibilidades (SOUSA; VIEIRA, 2017, p.02-03). O método deixa a desejar no quesito de imagens, pois não mostra fotos de como segurar e nem

como produzir o som e, apesar de oferecer dicas iniciais para aulas e dicas específicas dos instrumentos, apresenta-as uma forma muito geral, não indicando o conteúdo de cada aula.

Quando Serafim (2016) realizou sua pesquisa, não conseguiu acesso ao método Metais: Livro didático do Projeto Guri – Básico 1 de Jorge A. Sheffer; contudo ao realizar uma rápida pesquisa, descobri que o livro passou a ser disponibilizado para download gratuito no próprio site do Projeto Guri¹. O método se enquadra na metodologia de ensino coletivo, pois o aluno já inicia os estudos junto com o instrumento. Em uma rápida lida no método verifiquei um método bem completo, pois ele apresenta fotos tanto da posição da boca ao tocar, quanto ao respirar, apresenta a posição para segurar o instrumento. Apresenta também exercícios bem fáceis para o iniciantes praticar e se sentir incluído no processo de aprendizagem. O livro detalha cada aula, apresenta sugestões passo a passo para trabalhar tanto as partes específicas do instrumento, quanto atividades lúdicas para envolver os alunos e estimular o desejo de estar presente nas aulas. Porém, por se tratar do livro básico 1, não possui exercícios muito complexos, pois é voltado para o iniciante.

Muitas vezes vemos em meio aos trompetistas uma certa dúvida de qual método é melhor ou o mais eficiente, ou qual se adapta melhor ao indivíduo. Sobre isso, Baptista (2010, p. 50), relata o seguinte:

A maioria dos assuntos técnicos é do conhecimento de todos e suas soluções também. Uma conclusão plausível quanto a isso poderia ser a seguinte: se todos esses métodos de pensar, praticar e tocar trompete têm produzido grandes trompetistas, então cada um tem seu valor. A responsabilidade em descobrir seus benefícios será do professor ou do trompetista, através de reflexão e testes.

Segundo Sousa e Ray (2007, p.04, apud SOUSA; RAY, 2009, p.24), existem muitos locais que possuem profissionais qualificados, que além da utilização de métodos, ainda escrevem apostilas específicas para cada grupo de estudantes. Ao mesmo tempo, esta mesma pesquisa, conduzida na cidade de Goiânia – GO apontou que 70% dos alunos entrevistados não seguem método específico de ensino por não ter recebido material ou orientação de seus

¹http://www.projetoGuri.org.br/novosite/wp-content/uploads/2017/11/Livro-aluno_trompete_2013.pdf

professores (ibid., p.23).

Em sua dissertação, Baptista (2010, p. 21) sugere alguns métodos que podem ser utilizados tanto por iniciantes quanto para ao nível avançado:

- EDWARDS, A – HOVEY. Method for Trumpet. First & Second Book, Belwin Mills Publishing Corporation. Melville, N.Y. 11746 1942.
- GETCHELL, Robert W. First & Second Book of Practical Studies. Belwin Mills Publishing Corporation. Miami, Flórida 33014, 1948.
- HERING, S. Thirty-two Etudes. Carl Fischer, 1943
- HERING, S. Forty Progressive Etudes. Carl Fischer, 1945.
- REGER, Wayne M. The Talking Trumpet. New York, Charles Colin. 1975.
- ARBAN, Joseph J. B. Laurent. Complete Conservatory Method. New York, Carl Fischer, 1936
- CLARKE, Herbert L. Technical Studies. New York, Carl Fischer, 1934.
- SCHLOSSBERG, Max. Daily Drills and Technical Studies for Trumpet. New York, J. F. Hill & Co., 1937.
- COLIN, Charles. Advanced Lip Flexibilities. New York, Charles Colin, 1972.
- GOLDMAN, E. F. Practical Studies for the Trumpet. New York, 1920. Carl Fischer Inc.
- CHARLIER, Theo. 36 Etudes Transcendantes pour Trompette. Paris, A. Leduc. 1948.
- BITSCH, Marcel. Vingt Études pour Trompette. Paris, 1954. Alphonse Leduc.
- SABARICH, Raymond. Dix Etudes Concertates et d'Interprétation. Paris, 1968. Editions Selmer.
- TOMASI, H. Six Etudes pour Trompette. Paris, 1955. Alphonse Leduc

Dos métodos acima descritos, só tive contato com o Arban, o de Edwards A .Hovey, o de Max Schlossberg e o de Herbert L. Clarke. Apesar de serem antigos ainda hoje muitos são utilizados. Desses quatro, apenas o Arban era meu, tendo sido comprado usado de um professor; os demais tive contato apenas de olhar algum colega estudando com eles. O Arban e o de Edwards A. Honey são métodos que podemos chamar de completos, ou seja, possuem exercícios de diversas técnicas, desde notas longas, staccatos, ligaduras entre outros. O de Max Schlossber e Herbert L. Clarke são mais específicos: o primeiro trabalha a flexibilidade com muitos exercícios na mesma posição dos pistos variando apenas os lábios; o segundo contém exercícios com ligaduras, mas, com muitas alterações de posições, o que favorece a desenvoltura do trompetista na mecânica do instrumento.

Verificamos que alguns desses métodos, além da indicação de Baptista (2010), também são indicados por outros professores de trompete, contudo, são todos em língua estrangeira (inglês ou francês), que dificulta a compreensão dos

alunos e até professores sobre as explicações oferecidas pelos seus autores. Refletindo sobre a educação não formal, já pensamos em bandas de músicas municipais, igrejas, ONG's e etc. As pessoas que procuram esse tipo de projeto social para estudar trompete, na sua maioria não falam inglês ou francês, os professores, que muitas vezes são ex-alunos, também não. Além disso, é preciso considerar o elevado valor financeiro para aquisição, em comparação com a realidade do ensino não formal de trompete que, em muitos casos, ocorre em contextos em que o público-alvo apresenta alguma dificuldade sócio-econômica, dentre outras.

Sendo assim, devemos refletir sobre essas indicações. Provavelmente não foram feitas pensando apenas no ensino não formal, mas sim de uma formal geral. Contudo, como esse estudo é voltado para essa realidade, acredito que métodos de autores brasileiros seriam uma alternativa possível - como é o caso de método de trompete do Projeto Guri, de Jorge Scheffer, que é totalmente gratuito, ou o método Da capo (livro de trompete) de Joel Barbosa e o caderno de trompete de Fernando Dissenha, que são pagos, mas com valores que não ultrapassam 10% do valor de métodos importados como o Arban. Estas provavelmente seriam indicações que atenderiam melhor ao ensino de trompete no contexto não formal.

4.3 O motivo da escolha dos métodos

Como já visto, muitos alunos não possuem professor específico de trompete, inclusive sendo possível inferir que muitos professores não possuem curso superior ou alguma especialização em trompete (SOUSA; RAY, 2009, p.24). Com isso muitos alunos não são orientados de como e qual o método estudar, e fica por conta de cada aluno buscar o seu material de estudo. Muitas vezes a escolha do método depende da sua facilidade de acesso aos estudantes. Muitos alunos recorrem a internet e buscam os métodos e a forma de estudá-los também por meio da rede mundial de computadores (SOUSA; RAY, 2009, p.24) e (SOUSA; VIEIRA, 2017, p.02). Dourado (2017, p. 22), confirma essa ideia através da seguinte entrevista:

Segundo Athaydes, *"No meu caso, como o meu tempo é meio corrido é através de pesquisa pessoal na internet"*. Matheus relatou que aprende no dia a dia dos ensaios, Wesley que aprende através das buscas na internet, livros e métodos de trompete [...]

Além de escolherem os métodos por meio da internet e pela facilidade de acesso, os alunos também observam os colegas de naipe e buscam descobrir os materiais de estudos daqueles que desenvolvem mais rápido (DOURADO, 2017, p. 22).

Quando os alunos possuem professores com uma ampla experiência de ensino, esse professor geralmente escolhe o método de acordo o objetivo a ser alcançado pelo aluno. Podemos ver claramente isso em Andrade (2014, p.51):

Daniel explica que nunca seguiu programas fixos de estudo. Segundo ele, a utilização dos conteúdos é adaptada de acordo com as necessidades pessoais de cada aluno, buscando sempre desenvolver a técnica necessária para que o estudante tenha as ferramentas para praticar a improvisação [...]

A presença de um profissional qualificado para auxiliar os estudantes de trompete é muito necessária, contudo sabemos que principalmente no interior do Brasil, isso ainda é uma realidade distante. Por isso que acredito que é necessário uma melhor divulgação dos métodos de ensino de trompetes de autores brasileiros, pois eles além de serem gratuitos ou de baixíssimos custos, certamente irão nortear professores e alunos dessa realidade musical.

4.4 Rotina de estudo

A rotina de estudo do trompetista foi um tema trabalhado por diversos autores estudados na presente revisão. Serafim (2011, p. 54) afirma que: “para uma prática saudável e para o constante aprimoramento técnico-interpretativo é necessário ao trompetista a realização de uma rotina de aquecimentos e estudos diários” (SERAFIM, 2011, p.54). Esse autor ainda descreve pontos importantes sobre a rotina:

[...] 2) “não se deve esquecer que o tempo de vida musical de um trompetista depende em parte de um balanceamento entre os dias de estudos e os de folga, pois o esforço físico exigido nos instrumentos de metais deve ser compensado com descanso adequado”. Além disso, acrescenta que o sucesso de um aquecimento deve-se ao planejamento deste em relação a coerência com as necessidades práticas que teremos no dia e o tempo de duração deste, pois, se forem longos demais, poderão resultar em cansaço físico antes mesmo do estudo de exercícios “clínicos” específicos e do repertório propriamente dito. (SERAFIM, 2011, p.55)

A pesquisa de Dourado (2017, p. 25), apresenta respostas interessantes sobre o estudo diário dos entrevistados:

[...] Matheus –“ Eu faço notas longas e já vou direto para o instrumento, pois já gosto de ouvir o som e a gente vai fazendo as escalas com notas longas e com tempo você vai percebendo que você consegue fazer uma coluna de ar muito melhor”. Wesley emite notas longas e graves para melhorar a embocadura e ganhar resistência. Wedison faz aquecimentos de notas longas de dez minutos e sopra direto no trompete. Athaydes faz aquecimentos com notas longas do Dó3 ao Dó4 com pausas de cinco minutos e posteriormente estuda métodos como exercícios de embocadura.

Verificamos que todos os entrevistados na pesquisa do autor citaram o estudo de notas longas na sua rotina de estudo, com o argumento de que elas, além auxiliar na resistência, possibilitam verificar a uniformidade da coluna de ar, bem como a qualidade e afinação das notas (VECCHIA, 2008, p.41).

O estudo que melhor detalhou a rotina de estudo foi o de Baptista (2010). O autor aconselha que os estudos devem ser praticados no mesmo horário, ou pelo menos no mesmo período (manhã, tarde ou noite), destaca também que o tempo de estudo do iniciante é diferente para estudantes iniciantes e estudantes avançados ou profissionais (BAPTISTA, 2010, p. 20). Inicialmente, o autor aconselha começar com “exercícios leves, para estimular os sentidos. Deve-se praticar no registro médio e grave, usar dinâmica moderada, exercitar a concentração e descansar entre os exercícios, durante o aquecimento” (ibid, p.11). Só após conseguir um bom condicionamento, o estudante “poderá estabelecer longas rotinas de estudos” que envolvam: “*aquecimento, estudos técnicos, estudos melódicos e repertório*” (BAPTISTA, 2010, p. 15). E para encerrar a rotina diária, sugere “o relaxamento da musculatura, utilizando-se, por exemplo, um estudo de notas pedais”.

É importante ressaltar que a rotina de estudos não precisa ser rígida, ela pode ser alterada, principalmente depois que o estudante conseguir desenvolver a parte física e o entendimento musical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão sistemática de literatura teve como objetivo investigar quais metodologias de ensino do trompete são utilizadas na educação não formal, buscando compreender como se dá o processo de ensino de alunos e sintetizar os diversos métodos e metodologias estudadas no Brasil. Deste modo, foi possível observar de forma bem ampla os diversos trabalhos sobre o tema dessa pesquisa. Outra vantagem da metodologia de pesquisa adotada é que favorece a continuidade e a confirmação do estudo por outros pesquisadores, uma vez que registrei todos os passos da pesquisa.

Em síntese, a revisão sistemática de literatura sobre os estudos sobre ensino de trompete em contextos não formais no Brasil, indicou, basicamente duas metodologias de ensino: a metodologia tradicional e a metodologia de ensino coletivo e seus respectivos métodos. A metodologia tradicional é mais antiga, contudo, ainda muito utilizada, principalmente em instituições com um bom número de professores, ou que, pelo menos, possuem um professor específico para trompete. Por vezes, são introduzidas algumas variações, como músicas conhecidas para reforçar o aprendizado no instrumento ou por necessidades culturais ou contextuais. A metodologia de ensino coletivo surgiu depois, e é muito utilizada em bandas, fanfarras e em alguns projetos sociais ou socioculturais, onde o professor-regente é responsável por ensinar todos os instrumentos. Normalmente essas instituições trabalham com um número reduzido de professores e que necessitam que os alunos emitam rapidamente as primeiras notas e melodias. Por isso, ela tem a cada dia ganhado mais adeptos.

Na busca pelos métodos utilizados, o mais citado foi o método conhecido como “Arban” ou a “Bíblia do trompetista”, contudo encontramos muitos outros, dos quais alguns nem são específicos para trompete - como o “Bona” e o “Suzuki”. Dos estudos que descreveram os motivos da escolha dos métodos adotados, principalmente onde não se tem um professor específico de trompete, a maioria apontou para escolha dos próprios alunos e por vezes por indicação de outros colegas. Nos locais onde existe o professor, independente se adota o

método tradicional ou o método de ensino coletivo, a escolha é feita pelo professor, de acordo o nível técnico do aluno. Muitas vezes, por indicação de colegas de estudo ou de professores, são buscados métodos estrangeiros; ao se depararem com o valor muito alto desse material, muitos optam por não respeitar os direitos autorais e tiram cópia de um método inteiro, ou às vezes, procuram sites que os disponibilizam de forma irregular em pdf. A par disso, como referido anteriormente, existem métodos excelentes para o ensino trompete criados por autores brasileiros. Portanto, os estudos parecem apontar para o fato de que todos - professores e alunos -, precisam ter a consciência que bons métodos não dependem do valor que é pago, ou porque já se tornou tradição. É preciso analisar os contextos de ensino do instrumento, as necessidades técnicas e musicais de aprendizagem dos alunos e, então, identificar a metodologia e o método mais pertinentes àquela situação.

A rotina de estudos é um assunto que notei, tanto empiricamente como por meio dos trabalhos analisados, que é uma prática comum a todos os estudantes, contudo há pouca informação sobre o que é, como, porque, que horas, quanto tempo fazer. E dentre os trabalhos estudados o de Baptista (2010), detalha a importância da rotina diária, a preparação física e musical, o início com notas longas e suaves e com menor duração, e só quanto o trompetista adquirir condicionamento, deve-se partir para rotinas mais extensas e complexas. Essa preparação deixa o trompetista habilitado tanto física como psicologicamente para tocar com tranquilidade sem contratempo.

A presente pesquisa conseguiu alcançar os objetivos propostos, contudo, há muito o que pesquisar na área do ensino do trompete. Desde a criação do sistema de pistos, este instrumento evoluiu muito, tornando-se solista nas grandes orquestras, e um dos instrumentos muito utilizados em bandas de músicas e na música popular. Por essa grande visibilidade, surgiram muitos alunos interessados em estudar o trompete em diferentes contextos. Cabe a nós, pesquisadores e professores, buscar as diversas metodologias e métodos, e, quando necessário, elaborar métodos ou utilizar os já existentes, de forma contextualizada, a fim de atender uma situação específica de atuação.

6 REFERENCIAS

ALVES, B. N. et al. *Uma proposta pedagógica para o ensino de instrumentos de metais no contexto de bandas filarmônicas usando dobrados como elemento de aprendizagem*. In: III Congresso Internacional de Licenciaturas, 2016. Vitória de Santo Antão. *Anais...* Vitória de Santo Antão: 2016. p. 1 – 11. Disponível em: <<http://cointer-pdvl.com.br/wp-content/uploads/2017/01/UMA-PROPOSTA-PEDAG%C3%93GICA-PARA-O-ENSINO-DE-INSTRUMENTOS-DE-METAIS-NO-CONTEXTO-DE-BANDAS-FILARM%C3%94NICAS-USANDO-DOBRADOS-COMO-ELEMENTO-DE-APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

ANDRADE, R. S. de. *A formação do trompetista popular Daniel d'Alcântara: Um estudo de entrevista narrativa*. 2014. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília 2014.

ARROYO, M. *Transitando entre o “Formal” e o “Informal”: um relato sobre a formação de educadores musicais*. Anais do VII Simpósio Paranaense de Educação Musical. Londrina: 2000.

AZEVEDO, D. *Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos*. Working paper, 2016. Disponível em: <<https://unisinus.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>>. Acesso em 02 de abril 2017.

BAPTISTA, C. P. *Metodologia de estudo do trompete*. 2010. Dissertação (Mestrado em musicologia) – Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-16022011-115328/publico/5329489.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

CISLAGHI, M. C. *A educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de São José (SC): três estudos de caso*. *Revista da Associação Brasileira de Educação Musical*, v.19, n.25, p.63–75. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed25/revista25_artigo6.pdf>

>. Acesso em 22 de maio de 2018.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO, Sem data. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 05 de junho de 2018.

DOURADO, W. M. *Música na igreja: O processo de aprendizagem dos alunos de trompete da Orquestra Filadélfia em Palmas Tocantins*. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília 2017.

FELIX, W. *Fundamentos e Rotina de Estudos no Trompete*. 2016. Disponível em: <<https://trumpetarticlesblog.wordpress.com/2016/01/28/fundamentos-e-rotina-de-estudos-no-trompete/>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, Apostila, 2002.

GARBOSA, G. S. Banda Sinfônica da UFSM: processos de ensino e aprendizagem. In: XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. 2017. Manaus. *Anais...Manaus*. 2017. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/view/2636/1486>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

GOHN, M. da G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo, Cortez, 2001.

GOHN, M. da G. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação das Políticas Públicas Educacionais*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar, 2006.

GOHR, C. F.; SANTOS, L. C.; GONÇALVES, A. M. C.; PINTO, N.O. Um método para a revisão sistemática da literatura em pesquisas de engenharia de produção. XXXIII ENCONTRO NACIONAL D ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2013. *Anais...* Salvador: ENGEPE, 2013. p. 01-18. Disponível em: <http://www.academia.edu/16275716/XXXIII_ENCONTRO_NACIONAL_DE_ENGENHARIA_DE_PRODUCAO_A_Gest%C3%A3o_dos_Processos_de_Produ%C3%A7%C3%A3o_e_as_Parcerias_Globais_para_o_Desenvolvimento_Sustent%C3%A1vel_dos_Sistemas_Produtivos>. Acesso em 06 de maio de 2018.

JÚNIOR, W. P. A. *As bandas de música na formação do músico instrumentista profissional de São Luís/MA*. 2014. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música), Universidade Federal do Maranhão, São Luís 2014. Disponível em: < http://musica.ufma.br/ens/tcc/25_almendrajunior.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, L. M. G.; BRANDÃO, K. B.; COHON, J. C. K. *A Big Band CMS/Conservatório Municipal de Socorro: a prática musical no campo da educação não formal*. *Revista de Ciências da Educação*, Ano XIX, n. 38 (p. 67-84), 2017. Disponível em: <<http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/613>>. Acesso em 22 maio 2018.

LOCATELLI, N. C. *Concerto para trompete e orquestra de cordas de Alfredo dias: perspectivas interpretativas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba 2013. Disponível em: < <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6605/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

MÁLAGA, L. S. *Práticas informais no ensino coletivo de sopros: um experimento no Guri*. 2012. Dissertação. (Mestrado em Musicologia) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-07032013-093552/publico/MalagaCorrigido.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

MIQUELINO, R. *Projeto retreta nas escolas: estudo de um caso de educação sociomusical*. 2015. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://unisal.br/wp-content/uploads/2016/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ricardo-Miquelino-.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

OLLAIK, L. G.; ZILLER, H. M. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.38, n.1, 229-241, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/ep448.pdf>>. Acesso: 06 de maio de 2018.

RAMOS, A.; FARIA, P. M.; FARIA, A. *Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da educação*. Curitiba, v. 14, n. 41, p. 17-36, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12610&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

RIBEIRO, H. C. *A metodologia do ensino de instrumentos de sopro na banda da lapa*. 2010. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis 2010. Disponível em: <http://camaraclara.org.br/memoriamusical/wp-content/uploads/2013/03/RIBEIRO.H_A-METODOLOGIA-DO-ENSINO-DE-INSTRUMENTOS-DE-SOPRO-NA-BANDA-DA-LAPA.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

ROCHA, A. F. A. da. *A importância da rotina diária no ensino especializado de trompete*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Música) – Instituto de Educação, Universidade de Minho, Portugal 2016. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45174/1/Andr%C3%A9%20Fernando%20Alves%20da%20Rocha.pdf>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

SCHEFFER, J. A. *Desenvolvimento da percepção auditiva na aprendizagem do trompete: avaliação de estudos coletivos adotados pelo projeto GURI*. 2012 Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará 2016. Disponível em: <http://www.pesquisamus.ufc.br/images/PDF/Projetos_de_Pesquisa/LEANDRO_ENSINO_SOPRO_COLETIVO.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

SERAFIM, L. L. *Ensino-aprendizagem de instrumentos de sopro/metals em contextos coletivos: abordagens metodológicas e materiais didáticos para a formação de licenciandos em música*. 2016. 83 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.pesquisamus.ufc.br/images/PDF/Projetos_de_Pesquisa/LEANDRO_ENSINO_SOPRO_COLETIVO.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

SERAFIM, L. L. *Ensino de trompete a distância: Possibilidade para qualificação do ensino-aprendizagem em bandas escolares*. 2011. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60730/000862752.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

SIGNIFICADOS, 2014. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/metodologia/>>. Acesso em 05 de junho de 2018.

SOUSA, A. N. de.; RAY, S. *O ensino de trompete em Goiânia: a realidade dos discentes em bandas marciais*. In: IX Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG Rumos da criação, Performance, Pesquisa e ensino Musical, 2009. Goiânia. *Anais...* Goiânia. 2009. p.21-25. Disponível em: <https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/9%C2%BA_SEMPEM_On_Line.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2018.

SOUZA, J. *Pensar a educação musical como ciência: a participação da Abem na construção das áreas*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, p.25-30, mar. 2007. Disponível em: < <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/288>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

SOUSA, J. B. de.; VIEIRA, K. F. *Contribuições do método Da Capo na formação da Banda Waldemar Henrique de Marabá – PA: um relato de experiência*. In: XII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2017. Manaus. *Anais...* Manaus. 2017. p.1-9. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/na/paper/viewFile/2795/1365>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - *Instituto de Psicologia - Biblioteca Dante Moreira Leite*. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>>. Acesso em 03 de novembro de 2017.

VECCHIA, F. D. *Iniciação ao trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba: processos de ensino e aprendizagem dos fundamentos técnicos na aplicação do*

método da capo. 2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5626>>. Acesso em 22 de maio de 2018.